

Boletim de Ocorrência



Por
Celito De Grandi

030

O maior assalto da história do Estado

O ataque a uma empresa de valores em Santa Cruz do Sul é o 30º caso da série que contará aos domingos crimes enigmáticos

Eles são os dois maiores assaltantes da moderna história policial do Rio Grande.

Poucos conhecem seus nomes. Mas dificilmente alguém ainda não ouviu falar de Papagaio e Seco, notabilizados por grandes assaltos a carros-fortes.

São líderes de grupos. Utilizam armas sofisticadas, não temem enfrentamentos com a polícia.

Cláudio Adriano Ribeiro, o Papagaio, assombrou o Estado em dezembro de 1995, ao levar de um veículo blindado da Prosegur, na entrada de Farroupilha, R\$ 956 mil, ou cerca de US\$ 1 milhão à época. Era, até então, o maior assalto já acontecido no Estado. Sim, até então.



Para José Carlos dos Santos, o Seco, não bastava a quantia transportada por um carro-forte.

Ficou matutando bom tempo sobre como entrar no prédio-sede da empresa de valores Proforte, em Santa Cruz do Sul.

Ele sabia que os valores estavam concentrados naquele endereço. Decidiu como fazer e convocou 10 homens do seu bando: “vamos derrubar as paredes do prédio com um caminhão-guincho.”

E assim foi.

Todos os passos haviam sido ensaiados com cuidado e às 22h15min da noite de segunda-feira, 10 de abril de 2006, Seco e seus homens chegaram à garagem da concessionária Santa Cruz Rodovias.

Renderam os funcionários e ficaram à espera de um caminhão-guincho. O motorista, quando chegou com o veículo, também foi rendido e, com seus colegas de empresa, colocado no porta-malas dos carros do bando, um Bora, um Vectra e um Corolla, roubados no Vale do Rio Pardo, no final de semana.

Ao saírem com o guincho rumo à empresa Proforte, levaram com eles um cidadão que passava na hora por ali. Não convinha arriscar.



Foi preciso que o caminhão-guincho avançasse três vezes até que as paredes cedessem. Abriu-se um rombo de 1m80cm de altura por 2m de largura. E foi por esse enorme buraco que Seco e seus homens entraram no prédio da Proforte, renderam os 10 funcionários que ali estavam e os obrigaram a colocar os malotes com dinheiro no Vectra e no Corolla. O Bora havia tido problemas mecânicos no meio do caminho.

A Brigada Militar foi acionada pelo sistema de segurança da empresa tão logo se ouviu o primeiro ataque do caminhão-guincho. E quando os assaltantes preparavam-se para fugir, apareceu o carro da BM com quatro policiais.

Foram recebidos a tiros.

O então capitão André Sebastião Santos dos Santos, 34 anos, comandante da 2ª Companhia, chegou a deixar o veículo e atirar duas vezes, antes de ser abatido com um tiro mortal na cabeça – depois de morto, ele foi promovido a major. A saraivada de balas dos bandidos ainda atingiu a soldado Gheisa Marques, 23 anos. Encolhida no banco traseiro, foi baleada nas costas e sobreviveu.

O resultado do assalto foi menor do que o esperado: R\$ 3 milhões. Ficou no cofre-forte da empresa, em malotes, outro valor igual.

Ainda assim, é o maior assalto da história no Estado.



– A região está cercada – garantiu o comandante do Vale do Rio Pardo, coronel Dalvo Werner Friedrich.

Centenas de policiais civis e militares foram mobilizados nas buscas aos assaltantes, mesmo sem se saber ainda o valor exato do roubo e havendo apenas suspeita de que o ataque fosse obra do bando de Seco.

Só no norte do Estado, uma possível rota de fuga dos criminosos, o Comando Regional de Passo Fundo acionou cerca de 200 homens em barreiras nas estradas.

E naquela mesma semana, Seco e um comparsa confrontaram-se, de madrugada, com policiais, num posto de gasolina à beira da estrada, no município de Paverama. Foram disparados mais de 200 tiros em cinco minutos, até Seco ser ferido e preso.

Fim de uma caçada de três anos.



A derrota do crime.

Essa foi a manchete de capa da edição de Zero Hora de 14 de abril.

E a polícia fez uma festa naquele dia.

Papagaio, 45 anos, e Seco, 32 anos, foram condenados várias vezes e estão presos. Papagaio tem ainda 39 anos a cumprir. E Seco, com a pena de 21 anos e dois meses pelo assalto e morte de Santa Cruz do Sul, soma mais de 200 anos de detenção.

O dinheiro dos dois grandes roubos nunca foi recuperado.



REPRODUÇÃO, BD, 10/04/2006



REPRODUÇÃO, BD, 10/04/2006



REPRODUÇÃO

Caminhão-guincho teve de avançar três vezes para parede de empresa de valores ceder e permitir o acesso de Seco e seu grupo, que roubaram malotes de dinheiro

Caçado pela polícia, Seco acaba ferido e preso num confronto em Paverama

O crime

Vítima:
empresa de valores

Época do crime:
abril de 2006

Cidade:
Santa Cruz do Sul

Principal suspeito:
José Carlos dos Santos, o Seco

Motivação:
Financeira



GENARO JONER, BD, 13/04/2006